

Medo no cotidiano escolar de professores*

Fear in teachers' school daily

Eliete Jussara Nogueira**

* Trabalho apresentado no XV Endipe, ocorrido na Universidade Federal de Minas Gerais, em abril de 2010.

** Psicóloga (Pucamp), doutora em Educação (UNICAMP), Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocoba (UNISO).
E-mail: eliete.nogueira@prof.uniso.br.

Resumo

Este artigo apresenta dados parciais de uma pesquisa que procurou investigar sobre o medo contemporâneo e o cotidiano escolar. As características do mundo atual, entre elas as incertezas, as crises, as injustiças, as guerras, as catástrofes, as misérias e os medos generalizados que fazem parte do cotidiano dos habitantes desse mundo líquido moderno levou a questionamentos sobre as relações humanas presentes no cotidiano escolar. A partir de uma pesquisa qualitativa, procurou refletir qual o maior medo do professor. Entre os maiores medos está o de não cumprir com as expectativas, com a indisciplina dos alunos e com o desemprego. O medo pode provocar modos de interação distintos dos ideais perseguidos pela educação: solidariedade, ações coletivas que promovam redes de relações mais humanas, entre outros.

Palavras-chave

Cotidiano escolar. Medo. Subjetividade.

Abstract

This article presents preliminary data from a survey that sought to investigate the contemporary fear and school daily. The characteristics of today's world, including the uncertainties, crises, injustices, wars, disasters, miseries, and the widespread fears that are part of everyday life of the inhabitants of this liquid modern world, led to questions about human relationships present at school, and from a qualitative study which sought to reflect the greatest fears of the teacher. Among the greatest fears, one is to not fulfill expectations, with the indiscipline of the students, and with unemployment. Fear can cause different ways of interaction of the ideals pursued by education: solidarity, collective action to promote more humane relations network, among others.

Key- words

School daily. Fear. Subjectivity.

Introdução

Smart (1993), ao caracterizar a pós-modernidade, refere-se a ela como um período de “incertezas da modernidade”, numa ordem de participação democrática multifacetada, de humanização da tecnologia, um tempo novo com problemas antigos. Um dos questionadores desse momento, apresentado por Smart, é Umberto Eco, que chama de “neomedievalismo”, apresentando características atuais, que se encontravam na Idade Média, tais como: o desmantelamento ou ruptura de uma grande paz, ou ordem que, por sua vez, cria um vácuo de poder e precipita a crise econômica; as transformações na vida urbana; e o clima de risco, que é dado pelos problemas do desenvolvimento econômico.

A vida cotidiana é colocada nos valores e virtudes da instantaneidade e da descartabilidade, como assinala Harvey (1989): são jogados fora não só objetos, mas estilos de vida, relacionamentos, tradições que “se desmancham no ar”, ao sabor do mercado. A experiência cotidiana força a adaptação à transitoriedade, ao bombardeamento de estímulos. Esta volatilidade/efemeridade favorece o surgimento de formas caricaturais de individualismo com traços exacerbados de narcisismo, enquanto a fusão grupal substitui as antigas distinções individuais. O sujeito precisa aprender a responder rapidamente às mudanças e desenvolve, muitas vezes, respostas defensivas, com simplificação na apreensão de si mesmo e na interpretação dos acontecimentos.

No final do século XX, cristalizam-se, além do conjunto de fenômenos econômicos, os fenômenos políticos e culturais que transcendem nações e povos. São esses fenômenos que permitem falar da “globalização das sociedades” e da “mundialização da cultura” (ORTIZ, 1997). O processo de globalização da sociedade contemporânea pode ser compreendido quando associado a uma nova fase de expansão do mundo de produção capitalista, que passa a ter um alcance mundial. Ele consiste numa reprodução ampliada, em escala global, de ordem capitalista, implicando uma nova divisão internacional do trabalho e da produção e, conseqüentemente, novas categorias de estilo de vida e construção de identidades.

A lógica da “coisificação: é só à medida que o homem consome mercadorias, cujas demandas já foram antecipadas por meio de pesquisas mercadológicas, que ele adquire uma identidade reconhecida. É o objeto que lhe empresta significado. O discurso de Lipovetsky (1991, p.173-4) argumenta nesse sentido:

Hoje, o imperativo industrial do novo se encarna numa política de produtos coerente e sistemática, diversificando e desmassificando a produção. O processo da moda despadroniza os produtos, multiplicando as escolhas e as opções. Com a multiplicação do espectro, versões, opções, cores, séries limitadas, a esfera da mercadoria entrava em ordem da personalização. [...] Consumimos, através dos objetos e das marcas, dinamismo, elegância, poder, renovação de hábitos, visibili-

dade, feminilidade, idade, refinamento, segurança, naturalidade, umas tantas imagens que influem em nossas escolhas; seria simplista reduzir isso só aos fenômenos de vinculação social quando precisamente os gostos não cessam de individualizar-se.

Os meios de comunicação de massa e a informática são os atuais responsáveis por uma nova forma de compreensão das relações espaciais e temporais. Em especial, os recursos tecnológicos oriundos da eletrônica e da informática: o sistema de redes e multimídia, o computador, o fax, o celular e outros meios miniaturizados que engendram um verdadeiro “rearranjo do mapa do mundo” (IANNI, 1997, p.16). Todo esse arsenal cria uma “ilusão de que o mundo é imediato, presente, miniaturizado, sem geografia nem história” (IANNI, 1997, p.33).

Na sociedade contemporânea, todas as tecnologias de vanguarda (biotecnologias, inteligência artificial, robótica, informática, audiovisual, marketing, e publicidade) convergem para a “comunicação”. Para Sfez (1994), comunicar é o modo simbólico característico das sociedades fragmentadas, lugar onde nação, liberdade e igualdade não norteiam mais seus membros. As atuais sociedades perderam sua memória e não mais se valem da história como fonte de coesão, mas da comunicação como recurso para a adesão social.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas aqui levantadas revelam o aguçamento de alguns de seus elementos. Numa espécie de globalização fragmentada, estratificada e competitiva, encontra-se o

medo que produz sensações poderosas. O medo da aproximação da morte, a desgraça personificada. Na grande cidade, um símbolo visível do triunfo humano sobre a natureza, encontramos velhos medos; crescimento urbano desordenado é visto como uma selva, mas a maior ameaça são as outras pessoas.

Medos de ontem e de hoje

Desde os tempos mais remotos, o medo acompanha a trajetória humana, seja como ansiedade específica do indivíduo, seja como característica da sociedade humana, configurado no meio ambiente real, no mundo, infantil de fantasmas e bruxas ou no íntimo da pessoa, por meio dos estados psicológicos mais sutis.

No ser humano, a imaginação e o conhecimento podem aumentar o medo, provocando sensações negativas largamente subjetivas, sem relação direta com o ambiente factual. Este sentimento complexo é constituído por dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado, cuja resposta instintiva é enfrentar ou fugir, e a ansiedade, uma sensação difusa de medo, um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo.

O medo parece estar presente no cotidiano do ser humano contemporâneo, nas incertezas do mundo. A utopia do controle sobre tudo cedeu lugar às ansiedades constantes. Compreender essa realidade, na medida do possível, é buscar um auto-conhecimento, uma compreensão

de nós mesmos, da identidade, da historicidade, enfim, de nossa transformação.

Na pista de nossos medos, DUBY (1997) relata os impasses, ansiedades e medos coletivos, do início do segundo milênio, e relaciona com os medos e ansiedades da sociedade atual. Em sua análise de documentos referente ao período feudal, a respeito das condições históricas, aponta um momento de avanço tecnológico na agricultura, em uma sociedade atormentada pela fome, epidemias, guerras. Neste contexto aparecem: o medo da miséria, medo do outro, das epidemias, da violência e do além. Na sociedade contemporânea, no contexto de transformações tecnológicas rápidas, com novas formas de trabalho, deparamo-nos também com o medo da miséria, das diferenças étnicas, da violência local e global, do terrorismo, das guerras, com a insegurança, com problemas espirituais, ou seja, a sociedade continua a se debater com os mesmos medos.

A sociedade atual tem experimentado sentimentos de insegurança existencial e a individualização moderna é responsável por boa parte dessas sensações. O incentivo ao esforço individual, em busca da felicidade, de autoajuda, muda as relações de solidariedade, afasta as pessoas que, privadas da rede de apoio, constroem um campo de temores disseminados de perigos generalizados, nem sempre com respaldo da realidade. Bauman (2007) enfatiza o papel do Estado como administrador do medo e, nos tempos atuais, as proteções artificiais (pois não são da natureza das pessoas, mas criadas pelo estado),

estão em processo de remoção ou sendo desmontadas.

O historiador francês Lucien Febvre resumiu, de maneira clara e admirável, a vida na Europa do Século XVI, o tempo e o lugar em que a *Era Moderna* estava para nascer, em quatro palavras: “medo sempre e em toda parte”. Em seu estudo sobre o que ele chama “Modernidade Líquida” – basicamente o nosso tempo – o sociólogo Zygmunt Bauman (2008, p.9) evoca a frase de Febvre, no livro “Medo Líquido”, para aplicá-la ao mundo atual, dizendo que vivemos de novo uma era de temores.

O estado de ansiedade e insegurança em que vivemos passa a fazer parte do cotidiano dos habitantes do mundo líquido moderno, provocando uma tarefa para a vida inteira – a luta contra os muitos e variados medos, enquanto os perigos que os deflagram passam a ser considerados companhias permanentes e indissociáveis da vida humana. É, também, a partir desse quadro, o espaço privilegiado nas sociedades contemporâneas – a Escola, para se pensar o papel do medo.

Como lembra Yi-Fu Tuan (2005, p.39), o ambiente da escola representa uma primeira experiência de medo para as crianças que ingressam na instituição – um mundo novo, barulhento, que exige relações com outras crianças e adultos estranhos, com jogos de competitividade, com o escárnio, o riso, o deboche, etc. A natureza do medo aumenta à medida que o aluno amadurece, em um mundo onde todos parecem estrangeiros e tudo se torna estranho, incompreensível, onde a violência é um fenômeno intencional,

onde “conhecer é arriscar-se a sentir mais medo” (TUAN, 2005, p.11).

Por outro lado, compreender o professor como sujeito e como profissional em uma sociedade que avança no sentido da modernização e que, no entanto, retorna cotidianamente ao seu caráter tradicional, significa esbarrar com o distanciamento entre a imagem de um profissional indispensável e reconhecido e o confronto com a realidade contemporânea. É que já não mais se pode atribuir-lhe o domínio da informação e do conhecimento, hoje rompidos pela eclosão dos meios de comunicação e pela redução do grau de importância atribuída à escola, embora esta seja confirmada a cada instante por toda a sociedade.

Alguns pensadores fornecem argumentos que nos fazem pensar e continuar pensando que a zona de sombra criada pelo medo é parte da vida social e política. Sabemos, desde Hobbes (1588/1679), que o medo é o princípio natural das sociedades, hábil e grosseiramente usado pelo poder em busca da obediência civil: em Hobbes, o medo aparece como um operador positivo, criador da ordem, propulsor da civilidade, diz Marcelo Jasmin (2007). Afirma Hobbes (2008): torna-se necessária a criação de um poder indivisível que seja capaz de conter o que há de mais perigoso nas relações humanas: é o poder do Estado, que recebeu o nome bíblico de Leviatã. No centro dessa construção metafórica do nascimento do Estado, encontramos o medo, que não é um só, são muitos. Pelo menos três tipos de medo se distinguem: o medo da morte violenta no estado de guerra generalizada

(o medo que temos uns dos outros quando não há poder capaz de manter todos em respeito); o medo em relação ao poder do Estado instituído (o medo que os súditos têm do governante quando ele edita leis e dá ordens que devem ser cumpridas); e o medo da morte, mesmo a natural, sempre misturado ao medo do que vem depois da morte (e que engendra a religião).

Para Hobbes (2008), é o medo da morte violenta que permite a saída da barbárie e a entrada na civilização. É o medo do risco da guerra de todos contra todos o que constitui o estado civil. É o medo o que se encontra na origem da garantia da ordem social e da proteção pública da vida. Sem o medo não se poderia viver em sociedade, não haveria garantias legais, não haveria proteção, não haveria paz.

Diferentemente de Hobbes (2008) que, conforme demonstrado, considerava estar o medo na origem de todo poder político, o aristocrata francês Montesquieu (1689/1755) faz dele o fundamento teórico de apenas uma forma específica, de que há uma conexão efetiva entre o medo e o poder absoluto, despótico. Para isso, Montesquieu reforma a clássica separação entre as formas de governo e produz uma nova teoria que afirma existirem três formas básicas: a república, a monarquia, o despotismo. Essas formas distinguem-se tanto por sua *natureza* como por seu *princípio*. A natureza é compreendida como a relação entre o número dos que governam e sua submissão à força das leis. Assim, a república é uma forma de governo segundo as leis, que tanto pode ser o governo de todos – a democracia – ou o de muitos

– aristocracia. A monarquia é a forma do governo de um, sob as leis; e o despotismo, o poder arbitrário e exclusivo de um só.

Montesquieu pensará no absolutismo como a natureza servil do Oriente, condição que justifica o despotismo, fundado no princípio do medo, no amor de si, que se associa à auto-preservação.

O mesmo pano de fundo que associa despotismo e Oriente informa a obra de Tocqueville (1805/1859), que estava convencido que não era o espírito do medo, mas o *espírito da conformidade* o elemento definidor do estado estacionário do espírito humano, como da fraqueza política e militar das civilizações orientais quando comparadas às europeias. Ainda tem a ousadia de propor um quadro análogo ao de Montesquieu – despotismo, apatia, silêncio e conformação – para se realizar no universo cristão, no Ocidente, lugar da liberdade e da impossibilidade de uma tirania estável, que chama de *despotismo democrático*. Ao mesmo tempo, tem um tema central, o do *individualismo democrático*, um fenômeno novo na modernidade, condição que permite aceitar respectivamente a palavra de uma autoridade, mas sabendo que não se confunde com a verdade antes de ser submetida à crítica e ao reconhecimento da razão individual. Por isso, o indivíduo democrático é tomado por um tipo particular de angústia somada à instabilidade social e característico de um mundo novo, onde o nascimento não garante a segurança, nem mesmo no futuro próximo, e onde a velocidade do nosso tempo se revela na transformação incessante das bases de sustentação da riqueza

e do *status social*, provocando incertezas e insegurança crônicas. É desse quadro de instabilidade estrutural que se alimenta o medo nas sociedades democráticas de Toqueville.

Além do medo da morte natural que não é específico do contexto moderno, são basicamente dois medos que aterrorizaram o indivíduo democrático. O primeiro é do isolamento em relação à maioria dos iguais. O segundo, de consequências políticas desastrosas para as virtudes cívicas necessárias à alternativa da liberdade, é o medo da *instabilidade social*, em particular o da perda de posição e de *status* dos indivíduos em relação aos seus semelhantes. Por isso, a *inveja* é um sentimento democrático por excelência, e a preponderância do desejo de ordem pública e do horror radical às turbulências sociais tornam a sociedade democrática especialmente conservadora, com indivíduos politicamente polivalentes e ausentes da esfera pública, conformando-se ao comando do senhor que lhes promettesse segurança e o usufruto de seu bem-estar privado.

Jean Delumeau (1989) define pelo caminho da pesquisa histórica como o medo foi alimentado pela Igreja e pelo Estado no Ocidente, que o utilizaram como instrumento para estabelecer e manter o domínio sobre a sociedade. A imposição do medo foi um poderoso instrumento pelo qual se disciplinaram populações inteiras sob a ameaça de punição à heresia, fazendo dessa disciplinarização uma espécie de medo que se tornou cultural, chegando ao nível de segurança ontológica. Sua disseminação pelas sociedades fez parte

de uma política de redução dos malefícios e de manutenção da ordem moral, tanto pelo Estado como pela Igreja, parte de um controle das populações.

Como historiador e a partir da consciência de seu próprio medo alimentado quando aluno de uma escola religiosa, Delumeau se apoia em uma vigorosa recuperação de obras e documentos que expressam como o domínio sobre os homens tem relação estreita com a atitude deliberada de alimentar o medo em um universo simultaneamente social e moral; o medo como sentimento e uma reação coletiva, em geral associada ao pobre. Afirmar que os humildes são medrosos, salienta Delumeau, é um lugar comum. Transitar do sentido individual para o sentido coletivo e social recobre o termo de um significado mais abrangente. Porque considerar o medo em uma situação social solicita a conjugação com outros fatores próprios da realidade em que estão esses sujeitos. Porque o medo tem um objeto determinado, conhecido, embora nem sempre especificamente identificável. Quando em situação coletiva, são sentimentos próprios de coletividades mal-amadas.

A partir da grande revolução tecnocientífica, novas questões estão postas em torno da ideia de medo. É nesse sentido que Hans Jonas escreveu “O princípio da responsabilidade” (2006), polêmico livro que começa e termina com uma evocação ao medo. Para Jonas, o maior problema trazido pela tecnologia é o do grande perigo, não patente para nós, essencialmente imperceptível: não se trata de uma má utilização de potência tecnológica, mas de

sua utilização – é isso que torna o perigo cada vez mais ameaçador. Mas, diferente dos filósofos clássicos, Hans Jonas pensa que uma ameaça real e o próprio medo podem trazer certa positividade e possibilidade de instrução.

Sem nenhuma analogia às nossas experiências reais – e é isso que diferencia o livro de Jonas dos de outros pensadores do medo –, devemos criar uma espécie de “ética” de responsabilidade em relação ao futuro da humanidade. (NOVAES, 2007, p.16)

Em Jonas, o medo não diz respeito a minha própria vida, mas às das gerações futuras. Ele não é motivado por um perigo presente. Mesmo se a tecnologia atual é potencialmente perigosa, esse perigo possível não pertence sempre à esfera da nossa experiência e de nosso saber. Jonas não fala de uma ameaça imaginada, mas de ameaça antecipada ou representada. Como exemplo, Jonas fala na catástrofe de Chernobyl que aconteceu, e nos abriga a antecipar e extrapolar ameaças semelhantes e até mesmo mais terríveis que Chernobyl. É, portanto, a partir da ameaça real e possível que devemos construir um perigo que está por vir. Por analogia com as catástrofes ocorridas repentinamente, devemos nos esforçar para crer que o pior pode acontecer. Enfim, enquanto o medo em Hobbes é um mal experimentado e que deve ser limitado ou evitado, em Jonas ele constitui um método a ser escrupulosamente aplicado.

Zygmunt Bauman (2008, p.8) define medo como “o nome que damos a nossa *incerteza*: a nossa *ignorância* da ameaça

e do que deve *ser feito* – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance”. Essa definição completa o pensamento a seguir exposto:

O medo é mais assustador quando difuso, diverso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivos claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda a parte, mas em lugar algum se pode vê-la. (BAUMAN, 2008, p.8).

Para Bauman (2008), os perigos dos quais se tem medo podem ser de três tipos. Alguns ameaçam o corpo e as propriedades. Outros são de natureza mais geral, ameaçando a durabilidade da ordem social e a confiabilidade nela, da qual depende a segurança do sustento (renda, emprego) ou mesmo da sobrevivência no caso da invalidez ou velhice. Depois vêm os perigos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo – a posição na hierarquia social, a identidade (de classe, de gênero, ética, religiosa) e, de modo mais geral, a imunidade à degradação e à exclusão sociais.

A ciência pretendeu suplantar os mitos criando uma nova racionalidade, diz Léa da Cruz (2005, p. 127), mas “o medo não se elimina. Porque impossível seria afirmar que o homem não tem medo, porque insegurança e segurança, sentimento associados à morte e à vida, estão sempre presentes”.

Pequenos fragmentos de discursos de professores

Na busca de respostas para a questão: qual seu maior medo como professor?, apresentada para 54 professores de Educação Infantil e Ensino fundamental, na cidade de Sorocaba, SP, em 2007, os resultados obtidos apontam para medos relacionados ao cotidiano da sala de aula, como desempenho de aluno, aprendizagem, indisciplina (55,5%), 27,8% para o desemprego e 13% para outros tipos de medo, além de 3.7% com relato de ausência de medo.

Os professores entrevistados são na maioria do gênero feminino, na faixa etária 30/40 anos para educação infantil e 40/50 anos para o ensino fundamental; licenciadas com especificidade em Pedagogia. Tempo médio de docência entre 10 e 20 anos. Classes de 20 alunos na educação infantil e acima de 30 alunos no ensino fundamental.

Segue-se um elenco de medos dos professores:

- *De aluno indisciplinado e de não conseguir ensinar os alunos.*
- *Não atingir todos os alunos e fazê-los aprender. Da falta de respeito pelo professor e perder a postura profissional.*
- *De não conseguir alfabetizar.*
- *De não conseguir me impor e controlar a sala, de passar dos limites, de brigar com algum aluno, de não saber que conteúdo dar, de não saber preparar as atividades necessárias, de não conseguir explicar algo, de que algum aluno se machuque seriamente estando comigo.*

- *Não estar sendo suficientemente competente para atingir os objetivos propostos pela Secretaria de Educação do Estado de SP e não dar aos meus alunos tudo o que gostaria de passar para eles.*
- *Medo de ficar sem emprego.*
- *Chegar ao final da carreira do magistério sem condições psicológicas e mentais.*
- *Arriscar o novo e não dar certo.*
- *Do mundo e do futuro das pessoas em relação à falta de preservação do meio ambiente.*

Utilizando a fala dos professores como instrumento e o medo como objeto, ao mesmo tempo introduzindo o cotidiano como referência, torna-se possível uma interpretação preliminar dos discursos desses profissionais, conforme elencado a seguir. Assim, os medos relacionados:

- sempre estão vinculados à figura dos alunos, nunca se voltando para as possibilidades de crescimento pela satisfação de suas próprias necessidades (com exceção do final de carreira);
- revelam existência de profissionais que vivem a realidade cotidiana concentrando no fazer pedagógico o objeto de atuação profissional;
- reafirmam o já estabelecido sob a lógica de relações hierarquizadas e burocratizadas dando à vida dos professores na escola um caráter repetitivo, sem voz política;
- incorporam o discurso das autoridades, numa forma de esquecimento de si mesmos, que se justifica como submissão voluntária;
- reforçam o sentido da profissão apenas

como fonte de sobrevivência pelo medo do desemprego;

- expressam total temor e impotência perante a indisciplina, a agressividade dos alunos, assinalando a síndrome do medo contemporâneo como globalização negativa, conforme enfatiza Bauman (2007).

Considerações finais

Atualmente temos medo de tudo: do sexo, da comida, da globalização, da gripe aviária, da vaca louca, do sequestro, da bomba, do fim do planeta e de outras tantas coisas, mas principalmente do outro. A vida social se altera quando as pessoas vivem atrás de muros, contratam seguranças, dirigem carros blindados, portam armas e frequentam aulas de artes marciais. O medo nos estimula a assumir uma atitude defensiva, porém a ação defensiva confere proximidade ao medo.

Diante dessa constatação, estendemos que não há possibilidade de empreender uma análise das subjetividades contemporâneas sem uma compreensão das mudanças ocorridas nas atuais sociedades ocidentais, como também não podemos interpretar tais mudanças isolando-as da estrutura da personalidade dos indivíduos.

Num campo de múltiplos circuitos, os professores ajustam-se como peças na engrenagem educacional, como o ponto mais sensível da cadeia na qual se deslocam constantemente para patamares menores de valorização e reconhecimento, desde a sua formação até a atuação na escola. Individualizando-se numa sala de aula e individualizando seus medos

como fenômenos isolados do contexto sócio-histórico, os professores se isentam de suas próprias histórias reduzindo ao nível pessoal a existência de cada um dos problemas e soluções.

O resultado é que os professores se percebem como produto de qualidades e habilidades próprias levando à mistificação do medo, ou seja, a sua transformação em um fenômeno rodeado de exageros e mistérios, fruto da não produção de uma crítica reflexiva sobre a educação. Nessa perspectiva, inversamente ao processo civilizador, a escola tem se tornado um imenso território do medo atravessando a identidade dos professores por processo de fragmentação, descontinuidade e porosidade.

Sob a lógica de relações profundamente hierarquizadas e sustentadas pela burocracia, a vida do professor na escola tem um caráter repetitivo no qual, assim como é frequente o isolamento, a prática é destituída do sentido da criação. Esta prática forma grupos dependentes, e entre os pais é fácil a sujeição, havendo um temor claro entre aqueles que divergem, pela possibilidade da punição. É com estas referências que se percebe a presença de alguns sinais que indicam que os professores não escapam do processo de reificação da humanidade, tornando-se presas fáceis de um medo engendrado pela necessidade de segurança, aderindo a uma liberdade limitada que é, na verdade sinônimo de renúncia (MATOS, 1998) e aquiescência resignada (SENNETT, 1998).

Assim, falar de medo é falar de violência e risco, das relações entre ordem e desordem, dos conflitos entre a razão e

emoção, do sistema de oposição natureza/cultura. Captar, então, através da linguagem de professores, sua relação com a realidade do seu trabalho e com a lógica do medo, já que, neste século XXI, o medo generalizado está de volta assombrando a razão.

O medo pode ser manipulado para vários fins, na sociedade atual, principalmente para o consumo. Estudar o medo para ressignificar coragem, esclarecer a vida do ser humano na configuração contemporânea, na tentativa de entender o que significa viver neste mundo.

O cotidiano da escola pode mostrar imagens, pichações, desenhos nas portas de banheiros, grades nas janelas, portas com tranças, câmeras de vigilância para controle da disciplina, porteiros, ronda policial, denúncias, boletins de ocorrência policial, entre outras imagens, atitudes e comportamentos que revelam um medo que não se enfrenta, não se supera, apenas se submete a ele.

Ao ler tantas imagens de medo, questionamos o cotidiano escolar e as relações humanas nele presente. O que estamos realmente ensinando para nossos alunos? Sob quais processos de controle estamos expondo crianças e qual será a consequência de perder a liberdade em nome da sensação de segurança?

O medo pode provocar modos de interação distintos dos ideais perseguidos pela educação: solidariedade, ações coletivas que promovam redes de relações mais humanas, entre outros. Dessa forma, estudar o cotidiano da escola se faz necessário, e como agente importante nas interações

saber sobre o professor e seus medos pode dar indícios de seus comportamentos na condição contemporânea.

Resumindo algumas das características da pós-modernidade, temos: a presença de sistemas abertos; a ausência de verdades totalizantes, a descrença nas metanarrativas; niilismo e a suspeita sobre a razão iluminista; o princípio de indeterminação na ciência; a mídia na representação do mundo; o indivíduo como irônico, cínico, fragmentado; nova concepção de tempo e espaço; imediatismo e hedonismo, culto ao presente, ao corpo, o gosto de si

mesmo; fragmentação do tempo numa série de presentes perpétuos; predomínio da linguagem imagética sobre o verbal ou textual; a estética em substituição aos valores éticos, norteados pela mídia e pelo consumo; novas formas de relações sociais; o surgimento de relações virtuais possibilitadas pelo desenvolvimento da informática e da cultura digital; o fim da história, a perda do sentido emancipatório da história e da fé no progresso, ou qualquer utopia que apregoa a construção de um mundo mais humano.

Referências

BAUMAN, Z. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CRUZ, L. *Línguas cortadas? Medo e silenciamento no trabalho do professor*. Niterói: EDUFF/Intertexto; São Paulo: Xamã, 2005.

DELUMEAU, J. *Histórias do medo no Ocidente: 1350-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, G. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Unesp, 1997.

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1989.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

IANNI, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

JASMIN, M. O despotismo democrático, sem medo e sem Oriente. In: NOVAES, A. (Org.). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: SENAC, 2007.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MATOS, O. C. F. *Vestígios: escritos de filosofia e crítica social*. São Paulo: Palas Athena, 1998.

NOVAES, A. (Org.). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: SENAC, 2007.

ORTIZ, R. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho d'água, 1997.

SENNETT, R. *O declínio do homem público: tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SFEZ, L. *Crítica da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1994.

SMART, B. *A Pós-Modernidade*. Portugal: Publicações Europa-América, 1993.

TUAN, Y. F. *Paisagens do medo*. São Paulo: Ed.Unesp, 2005.

Recebido em agosto de 2010.

Aprovado para publicação em outubro de 2010.